

## *Esculturas urbanas de Belém-PA: patrimônio, memória e valores*

### *Urban sculptures in Belém-PA: heritage, memory and values*

Tayná Mariane Monteiro de Castro<sup>1</sup>

Flávia Olegário Palácios<sup>2</sup>

---

**Resumo:** A cidade de Belém possui um grande acervo de esculturas urbanas metálicas localizadas em praças públicas e inauguradas a partir do período da *Belle Époque* (1882-1906). Estes monumentos possuem elementos essenciais que cumprem uma função de rememoração. Porém, os significados, representações e valores podem passar despercebidos pela população local. Portanto, este artigo objetiva analisar a relação da população com os monumentos presentes em Belém e entender os valores atribuídos com base na teoria de Riegl (2006) e Viñas (2005), pois o reconhecimento como objeto de conservação e a legitimação enquanto patrimônio são ferramentas que auxiliam na preservação. Para isso, foram realizadas entrevistas presenciais e virtuais como forma de contribuir para reflexões sobre a valorização e a conservação do patrimônio escultórico.

**Palavras-chave:** Preservação; Valores patrimoniais; Monumentos.

**Abstract:** The city of Belém has a large collection of urban metallic sculptures located in public squares inaugurated during the “Belle Époque” period (1882-1906). These monuments have essential elements that fulfill a function of remembrance. However, the meanings, representations and values can go unnoticed by the population. Therefore, this article aims to analyze the population’s relationship with monuments present in Belém and to understand the values attributed based on the theory of Riegl (2006) and Viñas (2005), since recognition as an object of conservation and legitimation as heritage are tools that assist in preservation. For this, face-to-face and virtual interviews were conducted as a way to contribute to reflections on the valorization and conservation of the sculptural heritage.

**Key-words:** Preservation; Heritage Values; Monuments.

---

1 Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA) na linha de Tecnologias Construtivas, Conservação e Restauro. Graduada em Museologia pela UFPA. Servidora da Fundação Genésio Miranda Lins, onde atua como museóloga do Museu Histórico de Itajaí. E-mail: [tay.mari.castro@gmail.com](mailto:tay.mari.castro@gmail.com)

2 Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFPA. Docente da Faculdade de Conservação e Restauro (FACORE/ITEC/UFPA) do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio Cultural (PPGPatri-Ufpa). Pesquisadora do Laboratório de Conservação, Restauração e Reabilitação (Lacore-Ufpa). E-mail: [flaviaop@ufpa.br](mailto:flaviaop@ufpa.br)

## Introdução

A cidade de Belém (PA, Brasil) possui um importante acervo constituído por 30 esculturas metálicas, entre bustos e estátuas, a maioria em bronze, provenientes de diversos países europeus e do Brasil, que estão localizados em praças e outros locais públicos, como parques e bosques. Esses espaços são tombados nas esferas estadual e municipal, mas essa proteção legal não se estende às esculturas que compõem esses locais, apesar da importância histórica e artística que possuem.

Essas obras são categorizadas como “Esculturas urbanas”, conceito que define monumentos instalados em espaços públicos acessíveis e patrocinados pelo Estado, cujo objetivo é narrar uma história ou um fato, ou apenas ornar o ambiente para fins estéticos (ZHENG, 2017).

Dentre as principais características dessas esculturas, destaca-se a função de fazer lembrar (RIEGL, 2006). Esses monumentos possuem elementos essenciais à função de rememoração em decorrência dos aspectos históricos e culturais; do caráter político-pedagógico que objetiva estabelecer certos ideais na população, por isso são financiadas pelo Estado; lembrar acontecimentos e personalidades; e, por vezes, apenas estética e para ornamentação.

Em função da rememoração, esses monumentos estão atrelados à memória, que, para Pollack (1992), possui três elementos constituintes: o primeiro deles são os acontecimentos vividos individual ou coletivamente, aos quais a pessoa sente pertencer; o segundo são os personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa, mas que, de certa forma, fazem parte do imaginário da população; e por fim há os lugares de memória, que podem estar ligados à coletividade, que são lugares de apoio da memória, como os lugares de comemoração, mas também de uma lembrança individual, como um lugar de férias na infância.

O conceito de Pollack (1992) é pertinente para lidar com monumentos públicos da cidade de Belém, pois estes se relacionam com a memória nas três dimensões, dos acontecimentos, personagens e lugares, seja de forma individual ou simultânea. Dentre os acontecimentos representados nos monumentos, podemos citar: Guerra do Paraguai, Proclamação da República, Congressos dos Intendentes Municipais. Entre os personagens que fazem parte das alegorias, citamos: Dr. José Malcher, General Gurjão, Getúlio Vargas, frei Caetano Brandão, entre outros.

Na perspectiva espacial, os monumentos estão situados em praças e bosques considerados para a pesquisa como lugares de memória e suporte para estas figuras,

pois o monumento necessita de praças e ruas para afirmar seu caráter utilitário, e é para esses locais que o objeto se destina (DUARTE, 1997 *apud* RODRIGUES, 2012).

Na dimensão material, os monumentos se manifestam como testemunhos do passado (DE PAOLI, 2012), e nesse sentido podem ainda ser considerados patrimônios culturais:

O patrimônio cultural de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido à vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas. (ICOMOS, 1985).

Nos anos entre 1882 e 1906, que compreendem um período de transformações econômicas, sociais, políticas e culturais nas principais capitais da Amazônia brasileira, denominado *Belle Époque*, foram inauguradas cinco esculturas urbanas metálicas oriundas de países europeus como Itália, França, Portugal e Bélgica. A primeira escultura urbana inaugurada em Belém homenageou o General Gurjão, ou seja, uma figura militar escolhida pelos ideais da época, considerada importante e que merecia ser lembrada.

Os anos seguintes ficaram marcados pelo declínio da *Belle Époque*, portanto, não houve a inauguração de novos monumentos até a década de 1930, com a ascensão do governo Vargas (1930-1945) e de seus ideais populistas. Neste período, surgiram monumentos como: a estátua do trabalho em 1932; do gazeteiro (também conhecida como jornaleiro), escoteiro e soldado, inauguradas em 1938; do marinheiro em 1939; bem como dois bustos do Presidente Vargas inaugurados em 1939 e 1940.

Nas décadas posteriores, os conjuntos escultóricos inaugurados foram de temáticas diversas, homenageando políticos como Lauro Sodré e Coaracy Nunes, ambos em 1959, Simón Bolívar e o escritor português Luiz Vaz de Camões, em 1996, e Pedro Teixeira em 1966.

A exploração da mão de obra no sistema da economia da borracha na Amazônia, nos séculos XIX e XX, deu condições materiais e econômicas suficientes para a importação das esculturas, e isso demonstra a contribuição da sociedade belenense daquela época na construção da cidade, considerada

aqui como uma construção e um produto artístico (ARGAN, 2014) do qual as esculturas fazem parte e a ela dão sentido.

A cidade é ainda centro da vida social e política, onde se acumulam os conhecimentos, as técnicas e as obras (LEFEBVRE, 2001), que, para fins deste trabalho, referem-se aos monumentos das praças públicas, dos quais a população tem o direito de usufruir, ou pelo menos deveria tê-lo, o que muitas vezes não ocorre em função da rotina do dia a dia, da periculosidade dos espaços urbanos e/ou em razão da ausência ou ineficiência de políticas públicas de preservação e valorização destes bens e dos seus significados. Logo, esses fatores podem influenciar na leitura do monumento e na percepção dos valores pela população.

Portanto, devido à essência desses monumentos ser a rememoração, é essencial que eles cumpram esta função. Ora, se uma pessoa transita pela praça e não percebe o monumento ou não sabe da sua finalidade, isso pode demonstrar que o monumento não está exercendo sua função enquanto objeto de memória.

Neste sentido, o presente artigo consiste em analisar a relação da população com as esculturas instaladas em Belém no período de 1882 a 1933, bem como identificar os valores que lhes são atribuídos. Em vista da importância que os monumentos têm para a formação do pertencimento da população local em relação ao patrimônio, o reconhecimento como objeto de conservação e legitimação enquanto tal são ferramentas que auxiliam na preservação.

Como abordagem metodológica, foram realizados dois tipos de entrevistas, sendo uma semiestruturada com os transeuntes das praças e do entorno, e outra estruturada através de um questionário formulado na plataforma Formulários do Google e enviado através de redes sociais e aplicativos de mensagens.

A metodologia adotada objetivava obter dados e informações que refletissem a opinião do público sobre os monumentos e a relevância destes para a população do entorno. Logo, utilizou-se do método de análise qualitativa para análise do discurso dos entrevistados e quantitativa para determinar o percentual de pessoas que haviam notado a existência dos monumentos nas praças, bem como a atribuição de valores ao patrimônio.

O enfoque das perguntas era perceber como a população que transita no entorno das praças percebe os monumentos instalados na cidade, com qual frequência transitam pela praça/entorno, qual o local de residência, se conhecem a figura representada ou se têm interesse por aquele patrimônio e quais valores atribuem a ele. É importante identificar os sujeitos que convivem com os

monumentos, seja diária ou pontualmente, questionando-os sobre o significado, a história, os valores e a função destes objetos na cidade.

O roteiro elaborado para as entrevistas presenciais contava com dez perguntas, sendo duas questões com opções de respostas “sim” ou “não” e oito questões abertas, que permitiram uma resposta individual de cada participante e maior liberdade para expressar opinião. A entrevista foi realizada próximo às esculturas, para que os entrevistados tivessem uma visão do monumento quando respondiam aos questionamentos. A média de duração foi de 5 minutos, sendo que o tempo máximo não ultrapassou 10 minutos.

A escolha dos locais de aplicação das entrevistas presenciais levou-se em consideração o fluxo de pessoas e os usos dos espaços, bem como o período e estilos dos monumentos. Portanto, buscou-se realizar as entrevistas em diferentes áreas da cidade para diversificar o público. Fez-se uso de registro em áudio, anotações em caderno de campo e do termo de consentimento no início de cada entrevista.

Entre os meses de outubro de 2019 e janeiro de 2020, as entrevistas foram realizadas em cinco praças de Belém: na Praça Visconde do Rio Branco e na Praça da República, ambas situadas no bairro da Campina; na Praça Brasil, situada no bairro do Umarizal; na Praça Frei Caetano Brandão, situada no bairro Cidade Velha; e no Bosque Rodrigues Alves, localizado no bairro Marco, considerando os dias da semana e horários que geralmente esses espaços são mais frequentados. Essas praças abrigam, respectivamente, a Estátua de José Malcher, o Monumento à República; a escultura do índio guarani; a escultura do Frei Caetano Brandão; e o monumento em comemoração ao congresso dos intendentess.

O questionário aplicado virtualmente pelo sistema de Formulários do Google ficou disponível durante 40 dias e contava com cinco perguntas, sendo uma aberta para que os entrevistados pudessem expressar opinião sobre qual monumento consideram mais representativo para a cidade ou que faz lembrar algo. No restante das perguntas, foi solicitada a atribuição de valores aos monumentos apresentados. Neste caso, foram expostos os seguintes monumentos: frei Caetano Brandão, José Malcher, General Gurjão e à República.

As perguntas iniciais, em ambas as entrevistas, eram relativas ao perfil do entrevistado, especificamente: nome, idade, cidade/bairro de residência e profissão/ocupação. O público foi bastante diversificado, composto por jovens e adultos, vendedores ambulantes do entorno, transeuntes e turistas de outros

estados e cidades. No questionário virtual, as respostas mais frequentes foram de estudantes da universidade, arquitetos e museólogos.

No total, houve a participação de 100 pessoas, 50 presencialmente e 50 virtualmente. Somente foram contabilizados aqueles que responderam à pesquisa, mas vale ressaltar que vários não quiseram responder por achar que não tinham opinião sobre o assunto ou estavam sem tempo para a entrevista. Os nomes dos entrevistados foram modificados para fins de preservação das identidades.

As coletas foram feitas de forma aleatória, tendo como critério pessoas maiores de 18 anos, bem como obter quantidades iguais de entrevistas aplicadas em cada praça. Do público consultado, 60% foram mulheres e 40% homens, e as idades variaram entre 18 e 67 anos, sendo o maior percentual entre 18 e 30 anos, com cerca de 48%. Com relação ao local de residência, das entrevistas presenciais, 84% são residentes de Belém e 16% são turistas, dos quais apenas 37% são de cidades de fora do estado do Pará, enquanto na entrevista virtual todos que responderam são residentes da cidade de Belém.

### **Características das praças e dos monumentos**

Cada uma das praças possui suas particularidades quanto à localização, ao fluxo de pessoas, visibilidade do monumento, atividades etc., por isso considerou-se importante elencar as características de cada ambiente, bem como de cada monumento localizado nestes espaços, que influenciaram diretamente no resultado da pesquisa (Figura 1).

Figura 1: Mapa destacando a localização das praças e seus respectivos monumentos: (A) Estátua do Dr. José Malcher. (B) Estátua do Índio Guarani. (C) Monumento à República. (D) Monumento ao Congresso dos Intendentes. (E) Estátua do Frei Caetano Brandão.



Fonte: Mapa elaborado pelas autoras a partir dos arquivos da Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM).

A Praça Visconde do Rio Branco é uma praça de constante fluxo de pessoas, devido à localização em uma área comercial da cidade. A maioria dos entrevistados respondeu que transita por aquele local com bastante frequência, em decorrência do trabalho no entorno ou em função de compras. Nesta praça está assentada a estátua de José da Gama Malcher, uma obra do artista belga Armand Cattier, composta pela figura do homenageado na parte superior do pedestal em pedra e por uma figura que representa “o povo” na parte inferior.

A Praça da República está localizada em uma área central da cidade, é bastante movimentada, principalmente aos domingos, em decorrência da feira de artesanato e das atividades culturais que ocorrem neste dia. Os entrevistados, em geral, estavam acompanhados de filhos, amigos ou familiares. Nesta praça, foi inaugurado o monumento à República em frente ao Theatro da Paz, em 1897, o que não permite a visualização da estátua de todos os ângulos da praça, apesar deste ser um dos maiores monumentos da cidade, o qual possui 20 metros de altura, estando assentada em seu topo a alegoria Marianne, símbolo da Revolução Francesa.

A Praça Brasil costuma ser movimentada diariamente. A maioria dos entrevistados respondeu que transita pela praça com frequência em decorrência do trabalho no entorno. Nela está localizada a estátua do índio Guarani, inaugurada em 1933 e assentada sobre um pedestal de granito, imitando blocos de pedra.

A Praça Frei Caetano Brandão está localizada em uma área turística da cidade, porém não há um fluxo muito intenso no centro da praça, onde a escultura do Frei Caetano está localizada, sendo a circulação mais frequente no seu entorno, por conta dos museus e igrejas. Além disso, o espaço faz parte do Círio de Nazaré, manifestação cultural e religiosa que atrai milhões de pessoas todos os anos, aumentando com isso o fluxo no local nesta época. A escultura de Frei Caetano Brandão foi inaugurada no dia 15 de agosto de 1900 (RODRIGUES, 2012; GODINHO, 1987).

O Bosque Rodrigues Alves é uma área de preservação ambiental e um dos pontos turísticos da cidade, o qual o público costuma frequentar, em especial, aos domingos, geralmente em família. Neste espaço, foi inaugurado o monumento em comemoração ao Congresso dos Intendentes, composto por duas figuras femininas, que representam a Paz e a História, e dois bustos de bronze dos políticos Antônio Lemos e Augusto Montenegro (CRUZ, 1945).



## **Percepções do patrimônio escultórico de Belém: análise dos dados obtidos com as entrevistas**

As esculturas urbanas presentes na cidade de Belém foram criadas para representar os ideais da época e as personalidades consideradas importantes, como “herói” de guerra ou clérigo, sendo geralmente uma figura de poder socialmente construída. Portanto, as esculturas são carregadas de símbolos atrelados ao caráter político-pedagógico e ao de fazer lembrar.

A comunicação através do símbolo só é entendida quando o receptor conhece aquele código, caso contrário, o símbolo não teria significado, ou ainda poderia ter uma interpretação diferente para indivíduos com diferentes arcabouços de símbolos (VIÑAS, 2005).

Nesse sentido, o monumento intencional, quando da sua inauguração, nasce com significados atribuídos pelos criadores do monumento, seja o político que o encomendou ou o artista que o desenvolveu, diferentemente dos monumentos não intencionais, cujo valor é atribuído em um contexto posterior ao da sua construção (RIEGL, 2006).

O monumento à República é um exemplo de monumento intencional, encomendado para celebrar o regime republicano. Neste sentido, solicitou-se um monumento que mostrasse à população a legitimação do novo regime, o qual reproduziu as demandas simbólicas dominantes na escultura monumental europeia de exaltação dos signos da nacionalidade materializada pela estatuária política francesa (COELHO, 2002).

Os entrevistados residentes da cidade de Belém (desconsideraram-se aqui os turistas), em geral, não identificavam a figura representada nas estátuas, mas as reconheciam como patrimônios que devem ser preservados pela sua importância histórica e estética. A percepção de cada indivíduo é importante na interpretação do monumento, entretanto, é inseparável do significado comumente compartilhado pela sociedade a que pertence (VIÑAS, 2005), ou seja, o dos discursos oficiais.

Não há informações suficientes em todos os conjuntos escultóricos para que sirvam de auxílio ao observador. Constatou-se em poucos monumentos a descrição no pedestal acessível à população. Nesses casos, as placas estimulam os transeuntes a obter mais informações: “Eu parei aqui ‘pra’ ler porque eu me interessei por essas coisas e era uma coisa que eu não sabia e acabei aprendendo” (Beatriz, estudante, 19 anos). Outra ocorrência foi o caso do turista de Belo

Horizonte (MG) que, antes da entrevista, estava lendo as informações no pedestal do monumento ao Frei Caetano.

A falta de informação nos monumentos foi apontada por Sara (Professora do Estado do Pará, 41 anos): “(os monumentos) teriam uma função melhor se fosse mais divulgado, se tivessem pessoas ‘pra’ contar a história, como não tem ninguém, aí passa despercebido”. Ou seja, nesta concepção, são necessárias ações de educação patrimonial, que podem auxiliar na valorização deste patrimônio.

Além disso, algumas praças homenageiam personalidades que não estão representadas nas estátuas. Como é o caso da praça Visconde do Rio Branco, que possui a estátua do Dr. José Malcher, e da praça D. Pedro II, que abriga a estátua de General Gurjão. Esta característica pode gerar um entendimento errôneo sobre a alegoria, pois em alguns casos os entrevistados deduziam pelo nome da praça o significado da alegoria, como é o caso do monumento à República que está localizado na Praça da República: “Fazendo alusão ao nome da praça, deve ter algo a ver com a Proclamação da República” (Suzana, advogada, 39 anos).

Nos questionários virtuais, foi recorrente entre as respostas a associação das estátuas com a infância; neste caso, o observador não assume a representação simbólica do monumento, mas define seus significados a partir da memória afetiva. Logo, pode-se reconhecer o caráter social do objeto, a partir de sua constante ressignificação e do diálogo com a sociedade, considerando a natureza afetiva dos monumentos que tocam o observador pela emoção (CHOAY, 2001).

O caráter afetivo dos monumentos é extremamente variável; em geral, é produzido a partir das experiências dos indivíduos que remetem a sentimentos individuais e memórias, em detrimento das noções veiculadas pelos meios de massa e das instituições oficiais do saber (VIÑAS, 2005).

No entanto, as ocorrências em relação à infância foram pouco recorrentes nas entrevistas presenciais, possivelmente em decorrência do público com diferentes idades e experiências. Houve apenas duas menções à infância, na Praça da República: “Quando eu era criança, eu estudava aqui perto, eu vinha muito ‘pra’ essa praça” (Gilmar, autônomo, 42 anos). Por ser um local de convívio social e próximo de escolas, acaba tornando-se um atrativo para crianças e adolescentes.

Já no Bosque Rodrigues Alves relatou-se: “Na época que eu vim com meus pais não tinha isso (a estátua), nunca vi, é a primeira vez” (Augusto, motorista, 55 anos). A estátua em questão foi inaugurada em 1906, porém foi transferida para a Praça da República de 1938 a 1984, ou seja, durante a infância dessa pessoa a estátua não estava no bosque, por isso ele não possui memória da estátua naquele

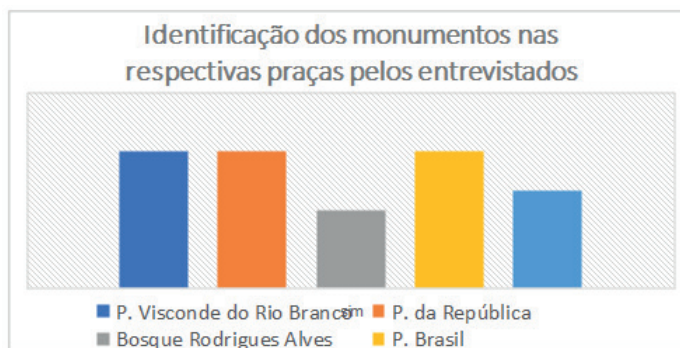
cenário. Essa é uma das problemáticas atrelada ao deslocamento de monumentos, pois estes adquirem significados de acordo com o local onde estão inseridos, e no momento de realização da entrevista o monumento foi considerado mais recente para este entrevistado do que de fato é.

Em geral, os monumentos estão localizados no centro das praças, com visibilidade para quem circula no entorno, porém, diferentemente das praças onde há livre circulação e contato mais constante com os monumentos, o Bosque é um local fechado com acesso controlado mediante a compra de ingressos, e seu funcionamento é condicionado a certos dias e horários, ou seja, somente as pessoas que entram no Parque conseguem ver o monumento.

A maioria dos entrevistados são residentes da cidade de Belém, transitam ou já transitaram pelas praças onde os monumentos estão localizados. Em cada praça, perguntou-se aos entrevistados se haviam ou não notado a existência das esculturas no centro das praças e, como resultado, foi elaborado o Gráfico 1, considerando individualmente cada praça. 70% dos entrevistados nas praças Visconde do Rio Branco e Praça Brasil responderam positivamente, enquanto no Bosque e na Praça Frei Caetano, apenas 40% e 50%, respectivamente, haviam notado a escultura.

Percebe-se, no Gráfico 1, que os monumentos da Praça da República, da Praça Visconde do Rio Branco e da Praça Brasil são os mais notáveis pelos transeuntes entrevistados, possivelmente em decorrência das proporções elevadas das esculturas e visibilidade do espaço, em contraste com o monumento ao congresso dos intendentess, que possui menores proporções e localiza-se em uma área com bastante vegetação, de certa forma “escondendo o monumento”.

Gráfico 1: Gráfico demonstrando o quantitativo de pessoas que haviam percebido a presença das estátuas antes da entrevista.



Fonte: Belém, 2020

Dentre as justificativas dos entrevistados que não haviam percebido a estátua, foram constantes as respostas de não possuírem tempo para observar a obra. Inclusive, os que de alguma forma notaram a estátua também frisaram a falta de tempo: “Porque sempre que eu passo aqui eu passo muito apressada e nem percebo muito bem, só fui perceber porque senti aqui ‘pra’ descansar e vi que tem essa estátua aí” (Laura, cabeleireira, 29 anos).

Portanto, os monumentos podem acabar passando despercebidos no cotidiano da população, sendo realmente notados pela sua ausência (FREIRE, 1997), em geral, causada pelos furtos constantes que ganham espaço na mídia e geram comoção popular. Tal prática ocasiona lacunas parciais ou totais nos monumentos e na paisagem da praça, e tem se tornado frequente na cidade de Belém, sendo o conjunto escultórico da praça Floriano Peixoto, no bairro de São Brás, alvo constante de furtos. Em 2012, o primeiro furto foi de parte de uma das figuras; em 2016, a segunda figura foi furtada por inteiro; e em 2018 a única estátua restante no local também foi furtada, porém, foi recuperada pela polícia no ano seguinte.

Notou-se mais exaltação em tom de indignação quando questionados sobre os furtos de estátuas: “Um absurdo, eu nem entendo o que eles vão fazer com uma estátua dessa” (Laura, cabeleireira, 29 anos); “Ah, sabia sim. Roubaram a de São Brás. É um absurdo! Quem faz isso é quem não conhece a história” (Eduardo, garçom, 43 anos).

Alguns citaram a importância histórica, patrimonial e de rememoração: “Uma falta de respeito, né?! É uma lembrança, um monumento que faz tempo e representa anos atrás então acho uma falta de respeito uma pessoa vir levar” (João, cozinheiro, 28 anos); “É uma infelicidade muito grande, o pessoal roubar ‘pra’ deprestar o patrimônio” (Tiago, analista de sistemas, 34 anos).

Outros apontaram a falta de segurança na cidade – conseqüentemente, na praça – e a crise social como fatores para os furtos de esculturas e de ornamentos: “[...] infelizmente tem esses casos por falta de segurança” (Alan, estudante, 28 anos); “A pessoa que faz isso não pensa no bem popular, a crise social reflete nessas coisas” (Ian, entregador, 26 anos).

Ainda em relação à invisibilidade dos monumentos, o conjunto escultórico da República é um dos monumentos que de certa forma “quebra” essa barreira da invisibilidade, possivelmente em decorrência da sua monumentalidade, pois faz com que esta seja a principal escultura presente na memória das pessoas quando

questionadas sobre quais outros monumentos da cidade lembravam: esta foi mencionada em 37% dos casos.

Os entrevistados também foram questionados quanto ao monumento mais representativo para Belém ou o que lhes é mais sensível. Entre as esculturas, a mais mencionada foi novamente o monumento à República, principalmente nas entrevistas virtuais, cuja porcentagem foi de 30%, e 20% nas presenciais. As justificativas foram diversas: por fazer lembrar a infância, devido ao que ela representa ou apenas por ser um monumento “belo”. O reconhecimento desta estátua pode estar ligado à urbanização da praça e seu paisagismo, que influencia no uso e na observação dos monumentos. Neste sentido, a localização das estátuas é importante para o reconhecimento e contemplação.

Quando questionados sobre a função dos monumentos, houve diferentes pontos de vista, mas foi recorrente a citação do caráter de rememoração: “Lembrar alguém que influenciou em algo” (Joana, 52 anos, professora); “Faz a gente lembrar de como o povo ou uma sociedade viveu antes de nós e o que eles fizeram para manter viva a marca que eles deixaram. Tanto na cidade como no país, tem monumentos que revelam a luta, a dor, até a alegria ou a tristeza” (José, 42 anos, assistente fiscal). Haja vista que esta é a principal função dos monumentos, ambas as falas demonstram que esta característica é fundamental.

Entretanto, as pessoas reconhecerem que os monumentos possuem o caráter de rememoração não significa que os monumentos em Belém estejam exercendo esta função. Isto é evidenciado na fala dos entrevistados: “Eu acho que a função (do monumento) seria lembrar a população de determinados momentos históricos, mas como a gente nem sabe qual foi o motivo da implementação, não está sendo muito eficaz” (Paula, estudante, 18 anos); “Lembrar a história e homenagear as coisas importantes que aconteceram, mas que dificilmente as pessoas (da atualidade) sabem o que é, como eu” (Martha, funcionária pública, 27 anos).

A maioria dos entrevistados não reconhece as figuras representadas nas esculturas e não demonstra interesse em pesquisar por conta própria, haja vista a falta de informação nos próprios monumentos: “Trazer à memória do povo algo que tá na história e muitas pessoas não têm esse conhecimento, mas o que de fato representa, eu nunca pesquisei” (Maria, professora, 44 anos).

Outros consideraram que os monumentos são marcos históricos na cidade e que sua função está ligada à história do lugar: “Quando se faz uma estátua, é porque teve um marco histórico, marcou a história e a cultura [...]”

(Paulo, vendedor, 60 anos); “Resgate da história, a preservação de uma cultura, é a identidade de um povo” (Ana, psicóloga, 37 anos). Ou seja, nestas duas falas podemos relacionar a opinião desses sujeitos com a importância histórica e com o valor histórico que são atribuídos a estes monumentos.

Houve apenas um caso em que, para a pessoa entrevistada, os monumentos não possuem nenhuma função: “Não tem função nenhuma” (Pedro, vendedor, 36 anos). Portanto, isso demonstra como o monumento não é percebido da mesma forma por todos. Para esta pessoa, não há importância nos monumentos, e isso pode ser em decorrência da falta de informação, de interesse ou educação patrimonial.

A memória política, segundo Chagas (2009), não reconstitui o tempo passado, e sim faz uma leitura dele através de diversas fontes usadas para sua construção e perpetuação, como a oralidade e documentos, tais como edifícios, fotografias, esculturas, monumentos etc. Portanto, neste sentido, os monumentos abordados neste trabalho são suportes para perpetuação da memória escolhida pelos políticos da época.

O artista, ao desenvolver uma obra, cria um documento que interpreta o acontecimento que objetiva monumentalizar, ou seja, produz um registro de memória política (CHAGAS, 2009). Como, por exemplo, o monumento ao congresso dos intendentes, que é um documento que representa os ideais da época e está repleto de juízo de valor, tanto do artista quanto dos políticos que o encomendaram. Portanto, pode ser analisado tanto da perspectiva estética quanto da histórico-política.

### **Valores atribuídos ao patrimônio escultórico das praças**

Os valores podem ser atribuídos ao patrimônio cultural dependendo do contexto e lugar em que estão inseridos, bem como da sociedade que os legitima em âmbito coletivo, e, embora não sejam permanentes, são essenciais para a conservação do patrimônio (ZANCHETTI, 2014).

Embasado na teoria de Riegl (2006), os valores que podem ser atribuídos aos monumentos são: valor de antiguidade, valor histórico, de arte relativo, de uso, de novidade, entre outros. O valor histórico é definido como aquilo que possui um elo com os acontecimentos da história humana. Neste caso, às estátuas é atribuído valor devido às informações históricas importantes ou características que estão presentes na sua materialidade (RIEGL, 2006). Portanto, esses monumentos

marcam um período da história e nos remetem ao fato que representam ou à época em que foram construídos.

Entre os entrevistados, 82% atribuem valor histórico aos monumentos selecionados, sendo os conjuntos escultóricos em homenagem a José Malcher e ao congresso dos intendentos os de maior índice. Como justificativa de um dos entrevistados, a função do monumento “seria preservar a história, contar para as novas gerações, tanto para minha geração quanto para as futuras. Preservar a história do nosso estado, que anda meio desvalorizada” (Paulo, estudante, 18 anos).

O observador reconhece o valor artístico, através do aspecto visual do monumento, mas considera que esta não é a única função dos monumentos: “Além de embelezar, contar um pouco da história, tem que ter algum sentido histórico” (Julia, desempregada, 32 anos).

A atribuição do valor artístico está entre os maiores percentuais: para 84% da população entrevistada os monumentos podem ser considerados obras de arte. Esta concepção pode estar relacionada ao fato de serem obras criadas por artistas renomados da época e cujo objetivo era também o “embelezamento da cidade”, portanto, satisfaz a vontade artística moderna pelas qualidades ligadas à concepção, forma e cor, por isso são consideradas objetos artísticos (RIEGL, 2006).

O percentual de pessoas que atribuíram valor de antiguidade aos monumentos é semelhante ao artístico, ou seja, para 84% o valor de antiguidade é bastante perceptível. Isso decorre do estado de conservação das esculturas e da indicação de que o monumento não é atual, o que pode assim identificar o valor de antiguidade do monumento que se manifesta, à primeira vista, pelo seu aspecto não atual, pela aparência de degradação e pela presença do desgaste que mostra a passagem do tempo (RIEGL, 2006).

Em adição aos valores apresentados acima, os monumentos possuem ainda valor simbólico, ideológico, econômico, entre outros que foram sistematizados por Viñas (2005) como uma forma de mostrar que os objetos de conservação não se limitam aos valores históricos e artísticos.

Dentre as principais características dos objetos de conservação, destaca-se o caráter simbólico, pois todos os objetos são símbolos que comunicam. No sentido mais comum, um símbolo é aquilo que representa ou é pensado para representar algo (VIÑAS, 2005). Portanto, a atribuição do valor simbólico pelos indivíduos que convivem cotidianamente com a escultura é o que define a importância que o patrimônio em questão tem para a comunidade (VIÑAS, 2005).

Por outro lado, o valor ideológico pode ser identificado através dos princípios morais ou políticos implícitos como elementos constituintes dos monumentos, pois a estátua de um personagem evoca não só o respeito por essa figura, mas também os valores incorporados (VINÃS, 2010). Apesar disso, o caráter ideológico dos monumentos teve menor destaque em contraste com o simbólico, com percentuais de 62% e 88%, respectivamente.

Para Jeniffer (estudante, 24 anos), a simbologia dos monumentos é bastante vasta: “De uma forma geral retrata a cultura do país, do estado, da região. Relembram os povos, as origens, prestam homenagem e guardam a memória, tanto dos explorados quanto dos exploradores como acontece em outras praças”.

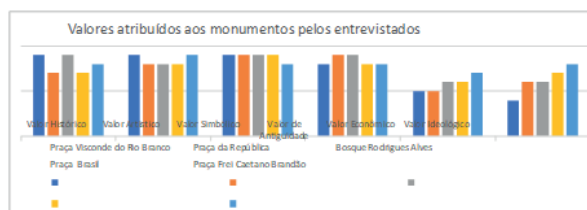
O valor de uso dos monumentos está atrelado também à utilização como instrumentos pedagógicos do poder dominante. Assim como parte de festejos e comemorações. No caso das estatuas dos soldados, faziam parte da solenidade dos festejos em alusão ao Dia do Marinheiro, que consistia em colocar flores na estátua do marinheiro e nos bustos dos militares (O LIBERAL, 1951).

O valor econômico foi atribuído por apenas 58%, sendo a maior ocorrência em relação à estátua do Frei Caetano Brandão. Este valor não representa a totalidade por este bem agregado, porém, tanto o valor econômico quanto o de uso estão intrinsecamente relacionados.

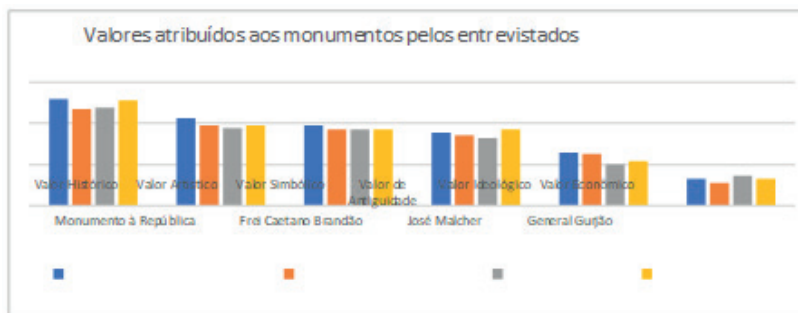
Os dados relacionados aos percentuais dos valores atribuídos aos monumentos, mencionados acima, foram sistematizados em dois gráficos (Gráficos 2 e 3), o primeiro com os resultados obtidos nas entrevistas semiestruturadas e o segundo nas estruturadas. A atribuição do valor histórico foi mais expressiva nas entrevistas virtuais (Gráfico 2), enquanto nas presenciais foi a atribuição do valor simbólico (Gráfico 3). Porém, em ambos, os valores ideológico e econômico foram os menores percentuais em comparação aos demais valores.

**Fonte: Bekém, 2020.**

**Gráfico 3: Resultado dos valores atribuídos nas entrevistas presenciais.**







Considerando que uma das principais características dos objetos de conservação é o caráter simbólico, no decorrer do tempo as simbologias e os valores atribuídos pela população também são modificados, haja vista as mudanças nos valores da sociedade, nos signos de legitimidade, nas noções de tempo e como as pessoas interagem com os monumentos.

### Considerações finais

As esculturas urbanas localizadas em Belém são importantes exemplares de monumentos metálicos inaugurados nos séculos XIX e XX, com intuito de homenagear figuras consideradas importantes e acontecimentos históricos, tanto nacionais quanto regionais. Portanto, as características materiais e simbólicas possibilitam perceber os aspectos históricos do período em que foram instaladas.

Esses monumentos sofrem modificações físicas, de significado e de valores no decorrer do tempo, o que suscita a necessidade de medidas de conservação das características materiais e simbólicas, haja vista os aspectos essenciais desses monumentos que cumprem a função de rememoração.

A atribuição de valores às esculturas urbanas das praças é essencial para o processo de reconhecimento e valorização cultural pelo poder público e pela sociedade em geral, que contribui para que as ações de preservação sejam mais recorrentes e igualitárias. Os valores atribuídos aos monumentos são produtos da relação entre sujeito e objeto e da constante construção de uma noção de pertencimento a uma sociedade e/ou história.

O resultado das entrevistas demonstrou que os entrevistados atribuem principalmente os valores simbólico, histórico e artístico, em detrimento dos valores ideológicos e econômicos, apesar das esculturas terem sido construídas com viés ideológico e possuírem material nobre como o bronze.

Indicou, ainda, que um baixo número de pessoas reconhece as iconografias representadas nos monumentos, embora os considerem como patrimônios, que devem ser preservados pelos aspectos históricos e artísticos e pela importância que exercem na trajetória cultural e no cotidiano da cidade.

Este estudo propôs-se a contribuir para a ampliação de reflexões sobre a valorização e a preservação do patrimônio escultórico. Portanto, julga-se necessárias como desdobramento da pesquisa ações de educação patrimonial com a população, principalmente, do entorno das praças e monumentos.

## Referências

---

- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- CRUZ, Ernesto Horácio da. *Monumentos de Belém*. Oficinas Gráficas da Revista de Veterinária, 1945.
- CHAGAS, Mário. Memória política e política de memória. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 141-171, 2009.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Unesp, 2001.
- DE PAOLI, Paula Silveira. Patrimônio material, patrimônio imaterial: dois momentos da construção da noção de patrimônio histórico no Brasil. *Patrimônio cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. Annablume, 1997.
- GODINHO, Sebastião. O Monumento a D. Frei Caetano Brandão. Belém: *Cadernos de Cultura*, estudos, nº 8, SEMEC, 1987.
- ICOMOS. Declaração do México. México: 1985. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20do%20Mexico%201985.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2021.
- KNAUSS, Paulo. O descobrimento do Brasil em escultura: imagens do civismo. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 20, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEMOS, Antônio José. Relatório Apresentado ao Conselho Municipal de Belém referente ao ano de 1905. Belém do Pará. Arquivo da Intendência Municipal, 1906.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese*. Goiânia: Editora da UCG, 2006.
- RODRIGUES, Randy da Silva. A escultura monumental em Belém do Pará: três obras e um percurso romântico. Dissertação de mestrado em Ciências da Arte e do Patrimônio. Faculdade de Belas Artes. Universidade de Lisboa. Portugal, 2012.
- SILVA, Carmen Lucia Souza da. Experiências e reflexões sobre espaços urbanos de patrimônio e arte pública a partir da dimensão sociotécnica. *Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR*, Penedo, v. 4, Número Especial, p. 95-110, 2014.
- VIÑAS, Salvador Muñoz. *Contemporary theory of conservation*. Oxford: Elsevier, 2005.
- ZANCHETTI, Silvio Mendes. A teoria contemporânea da conservação e a arquitetura moderna. *Textos para discussão*, nº 58. Editora: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. Olinda, 2014.
- ZHENG, Jane. Contextualizing public art production in China: the urban sculpture planning system in Shanghai. *Geoforum*, v. 82, p. 89-101, 2017.